

## CONHECIMENTO NARRATIVO COMO ALTERNATIVA EM DISTOPIAS DO SÉCULO XXI ESCRITAS POR MULHERES

*Narrative Knowledge as Alternative in Twenty-First-Century Dystopian Novels Written by Women*

Melissa Cristina Silva de SÁ  
Instituto Federal de Minas Gerais  
melissa.sa@ifmg.edu.br  
<https://orcid.org/0000-0002-6678-2805>

**RESUMO:** Em romances como *The Telling*, de Ursula K. Le Guin, *Midnight Robber*, de Nalo Hopkinson, e *The Year of the Flood*, de Margaret Atwood, o conhecimento narrativo, ou seja, aquele sistematizado a partir de histórias populares, cria espaços democráticos que permitem que uma noção não-excludente de humanidade se desenvolva. O conhecimento narrativo se apresenta como contraponto à visão restritiva totalizadora do pensamento científico capitalista e permite que as protagonistas destas obras afirmem a si mesmas, suas culturas e suas comunidades de maneira que uma nova forma de viver seja possível. Longe de serem tratados contra a ciência, essas narrativas distópicas resgatam a importância do diálogo entre as diversas formas de conhecimento para que a humanidade englobe, de fato, todos os humanos e não apenas grupos específicos. A partir das considerações de Jean-François Lyotard, Ailton Krenak e Sandra Harding, este trabalho discute como esses romances questionam a natureza do conhecimento e propõem formas mais plurais de se encarar o mundo. Nessas distopias de violência e miséria, o conhecimento narrativo é aquele que abre espaço para o horizonte utópico e para a esperança de um futuro menos desigual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Distopia; Narrativa distópica; Conhecimento narrativo; Literatura escrita por mulheres.

**ABSTRAC:** In novels such as Ursula K. Le Guin's *The Telling*, Nalo Hopkinson's *Midnight Robber*, and Margaret Atwood's *The Year of the Flood*, narrative knowledge, meaning the one structured from folk tales, creates democratic spaces that allows a non-excluding notion of humanity to develop. Narrative knowledge is presented as a counterpoint to the restrictive totalizing vision of capitalist scientific thought and allows that the protagonists of the mentioned novels to affirm themselves, their cultures and their communities in a way that new forms of living are possible. Far from being treaties against science, these dystopian narratives rescue the importance of dialogue among differing forms of knowledge so that humanity encompasses, in fact, all humans

and not only specific groups. Considering the works of Jean-François Lyotard, Ailton Krenak and Sandra Harding, this paper aims at discussing how these novels question the nature of knowledge and propose more plural forms of facing the world. In these dystopias of violence and poverty, narrative knowledge is what opens space to the utopian horizon and to the future of a less unequal future.

**KEYWORDS:** Dystopia; Dystopian Narrative; Narrative Knowledge; Literature Written by Women.

## INTRODUÇÃO

A vida em comunidade é o foco da tendência de se usar o ato de contar histórias para discutir os significados atribuídos à experiência humana em romances distópicos escritos em língua inglesa por mulheres no século XXI<sup>1</sup>. Nessas obras, a vida em comunidade se organiza em torno da narrativa. Compartilhar histórias em um círculo é uma imagem frequente nesses romances, assim como seções em que o aparecimento de histórias tradicionais alude a eventos correntes da trama e o resgate das histórias se equivale à fundação de uma nova comunidade.<sup>2</sup>

O conhecimento produzido nessas histórias não é limitado ao paradigma científico ocidental e frequentemente se apoia e resgata o folclore, o conhecimento indígena, e as expressões de espiritualidade. Essas tradições são representadas como uma forma de viver mais afinada com a natureza e outros humanos e amplifica as possibilidades de se atingir uma sociedade mais harmoniosa. Não há rejeição do método científico, mas sim uma tentativa de se escapar da dicotomia ciência/natureza e propor novas formas de viver baseadas em formas de conhecimento mais abertas e críticas.<sup>3</sup> Ao longo deste trabalho, irei apresentar como o conhecimento narrativo aparece como alternativa principalmente no romance *The Telling* (2000), de Ursula Le Guin, mas também em *Midnight Robber* (2000), de Nalo Hopkinson e *O Ano do Dilúvio* (2009), de Margaret Atwood.

Jean-François Lyotard analisa a questão do conhecimento nas sociedades contemporâneas, as quais ele se refere como “altamente desenvolvidas” ou “pós-modernas”. O autor considera as crises da narrativa do final do século XIX como um ponto de partida para a relação entre narrativas e ciência, especialmente a legitimação desses dois discursos. O status da ciência e seu controle do conhecimento nas sociedades contemporâneas é o foco de Lyotard em *A condição pós-moderna*.

A transformação social em decorrência da era pós-industrial, assim como o desenvolvimento tecnológico, impactou nossa relação com o conhecimento. Para Lyotard, essa mudança é inevitável porque “a natureza do conhecimento não pode sobreviver

---

1 Apesar de este artigo focar em três romances específicos, é importante ressaltar que essa tendência mencionada foi amplamente estudada e catalogada durante minha pesquisa de doutorado.

2 O artigo a seguir é parte adaptada da tese de doutorado “Stories to Make Us Human: Twenty-First Century Dystopian Novels By Women”, defendida em 2020.

3 Para os propósitos deste artigo, refiro-me ao conhecimento como um modo de prover acesso a um fato. Nesse sentido, a ciência é uma forma de conhecimento porque é uma forma de acessar o mundo, assim como conhecimentos tradicionais.

imutável dentro do contexto de transformação geral”<sup>4</sup> (1984, p. 4). A tecnologia envolvida em divulgar o conhecimento produz a ideia de “conhecimento como produto” ao invés de “conhecimento como treino.” Nesse sentido, o conhecimento é produzido para ser vendido como uma *comodity* e a ideia de adquiri-lo ao longo do tempo torna-se progressivamente obsoleta. O objetivo primário das sociedades pós-modernas não é mais o conhecimento *per se*, mas a troca do mesmo. A circulação de informação é, para Lyotard, o impacto mais drástico nas relações entre humanos e conhecimento nas sociedades altamente desenvolvidas. Ele se torna então comércio como qualquer outro em que o jogo político determina qual conhecimento é útil e qual não é.

O texto de Lyotard, publicado em 1979, é um ponto de partida válido para discutir como a troca aparentemente gratuita e rápida de informações não é uma transação transparente como pode se parecer inicialmente. É impossível produzir conhecimento sem viés político e até mesmo o discurso da ciência, que frequentemente se coloca como neutro em questões políticas, é engendrado em perspectivas e pontos de vista associados com instâncias diferentes de poder.

É essa faceta da ciência que Sandra Harding problematiza em seu livro *Objectivity and Diversity: Another Logic of Scientific Research* (2015). Para a autora, uma visão que não questiona os paradigmas da ciência ocidental, dessa suposta neutralidade e distância das questões políticas, torna-se totalitária e excludente e permite que o discurso científico seja utilizado para justificar violações de direitos humanos e apagamento de identidades. Enxergar através da suposta neutralidade da construção do conhecimento é a chave para este seja feito a partir de uma perspectiva verdadeiramente plural.

Lyotard propõe a existência do conhecimento narrativo, uma forma de conhecimento que difere da ciência. Segundo o autor,

o conhecimento científico não representa a totalidade do conhecimento; este sempre existiu em adição, e em competição e conflito com outro tipo de conhecimento, que eu chamo de narrativo por motivo de simplificação. [...] Eu não quero dizer que o conhecimento narrativo pode prevalecer sobre a ciência, mas que seu modelo é relacionado a ideias de eterno equilíbrio e convivência. (1984, p. 7)

O conhecimento narrativo deriva de costumes tradicionais, passados de geração em geração principalmente através da narrativa oral, trazendo conhecimento do mundo natural bem como narrativas sobre moral e ética. Esse é o tipo de conhecimento que Walter Benjamin evoca em “O Narrador”: o conhecimento que vem da experiência.

---

4 Todas as traduções dos originais em inglês foram feitas livremente pela autora do artigo.  
Revista X, v. 17, n. 04, p. 1144-1160160, 2022.

Outro pensador que aponta os limites do conhecimento ocidental (formado a partir dos pressupostos filosóficos e científicos europeus) e seus laços com o capitalismo é Aílton Krenak. *Em Ideias para adiar o fim do mundo*, o autor critica os pressupostos iluministas e suas consequências totalizadoras:

como é que, ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade? Será que ela não está na base de muitas das escolhas erradas que fizemos, justificando o uso da violência? A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou concepção da verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. (2019)

Um conhecimento que tem no próprio cerne uma perspectiva excludente da humanidade não poderá ser verdadeiramente emancipador. Dessa forma, é preciso que o conhecimento narrativo traga alternativas e novas possibilidades de elaboração de pensamento a fim de que formas alternativas de se viver sejam reconhecidas e não apagadas juntamente com os corpos daqueles inseridos nessas comunidades.

Os romances selecionados apontam para a ideia de que o discurso científico do ocidente, baseado nos ideais iluministas e ainda excludente, vista como sinônimo de conhecimento único, contribui para a criação e manutenção de sociedades desiguais, muitas vezes totalitárias. O conhecimento narrativo é percebido como a única possibilidade de criar modos de vida alternativos que permitam a colaboração entre humanos, o respeito mútuo por grupos distintos e a existência de espaços seguros. Essa forma de conhecimento torna-se então resistência: a única possibilidade de escapar do mundo como ele é e de tentar criar um novo a partir de novas histórias.

## **O CONTAR COMO FORMA DE ENTENDER O MUNDO**

O choque entre o estado corporativo tecnocêntrico e a velha tradição do contar no planeta Aka é o conflito principal do romance de Le Guin, *The Telling*. Na perspectiva da protagonista Sutti, uma pesquisadora que viaja a esse planeta para estudar sua cultura, as duas visões de mundo precisam coexistir, mas é inquestionável para a leitora que Sutti prefere o contar, que ela vê e defende como uma forma superior de conhecimento.

Sutty vem de uma Terra cheia de conflitos bélicos pautados no fundamentalismo religioso. Ir para Aka estudar uma nova cultura é, além do início de uma carreira promissora, uma fuga da intolerância da Terra. Em um ataque a bombas, Sutty perde sua companheira e passa a encarar com dificuldade qualquer tipo de manifestação religiosa. Ainda assim, ela se dedica à língua e à literatura de Aka, que apenas muito recentemente teve consciência da viagem espacial e da vida em outras partes do universo. No entanto, ao chegar em Aka, Sutty encontra o planeta inteiro tomado por um governo autoritário tecnocrata. Os cinquenta anos necessários para a viagem interestelar foram suficientes para que todo o cenário político e cultural mudasse e que os estudos de Sutty se tornassem referentes a uma cultura marginalizada e perseguida. Ao longo do romance, a protagonista consegue viajar para fora da capital do planeta a fim de encontrar vestígios da cultura oprimida, apesar de saber que está sendo vigiada por um monitor do governo.

Entre conversas com pessoas comuns e iniciados, Sutty aprende sobre o contar. Para os Akans, essa é a única maneira de acessar o mundo, uma forma de vida que lhes permitiu ter uma paz relativa por milênios. Como a pluralidade é parte fundamental do contar, na qual não há verdade absoluta, ele se torna um espaço democrático onde as diferenças podem ser superadas contando histórias. Sutty personifica esse ideal quando reavalia seu passado depois de contar a história de sua vida para o monitor que a perseguia, Yara, e ouvir a história dele. Esse encontro de perspectivas antagônicas de mundo ao final do romance é a culminância da potência narrativa e transformadora do contar. É a partir desse compartilhamento de narrativa pessoal que Sutty finalmente entende a função do contar e se prepara para estabelecer uma negociação com o governo totalitário de Aka, que legalizará a prática mais uma vez. Embora Sutty – e conseqüentemente a leitora – saiba que é impossível retornar aos caminhos tradicionais totalmente, ela espera que o conhecimento narrativo possa mais uma vez permitir a pluralidade e, conseqüentemente, criar fissuras no sistema totalitário.

O contar é uma forma de conhecimento, portanto, uma maneira de acessar o mundo. Por meio da narrativa, o povo de Aka desenvolveu seu modo de vida, criando práticas que permitiram sua sobrevivência, como agricultura e medicina, e expressões culturais, como arranjo comunitário e educação. Diferentemente da ciência, o contar se baseia no que Jean François Lyotard chama de “conhecimento narrativo”. Segundo o autor, a transmissão de valores e práticas se dá por meio da narrativa, e os resultados das histórias são usados para legitimar instituições e apresentar modelos de comportamento que podem ser integrados à vida social: “As áreas de competência cujos critérios a narrativa oferece são então imbricados na rede de formas, ordenados pelo ponto de vista

unificado característico desse tipo de conhecimento” (1984, p. 20). Os Akans não podem separar a maneira como contam histórias do conteúdo delas. As duas coisas são iguais. É o que explica Elyed, um Akan nativo, a Suty: “é tudo o que temos. Você vê? Sem o contar, não temos absolutamente nada” (LE GUIN, 2000, p. 142). Contar histórias é o *modus operandi* dessa sociedade no sentido de que toda narrativa e ficção é uma reflexão sobre o conhecimento.

As premissas do contar como forma de conhecimento diferem da ciência. Embora o contar tenha alguma categorização, ainda se baseia na ideia de narrativa que explica tudo. Por exemplo, Suty observa,

Alguns *maz* eram médicos, curandeiros, fitoterapeutas ou botânicos. Como os líderes das artes do exercício ou da ginástica, eles falavam do corpo e também ouviam o corpo (o corpo que era a Árvore, que era a Montanha). Suas narrativas eram ensinamentos médicos, descritivos e factuais. (p. 114)

O foco do contar, diferentemente da ciência como forma de conhecimento, não é explicar como as coisas funcionam, fazendo experimentos e formulando uma hipótese. Eles *contam e ouvem* e, por meio da observação, criam a narrativa em torno do conhecimento enfocado. Mesmo em seus saberes mais específicos, os *maz* não abandonam sua lógica narrativa, ainda se apegando a seus princípios de inteireza – presentes no trecho acima na noção de que o corpo é a Árvore e a Árvore é a Montanha e a Montanha é o mundo.

Suty é quem cria categorias para os ensinamentos do contar. Ela os compara às ciências da Terra, como medicina, física, matemática e biologia. Os Akans, entretanto, não fazem tais divisões aristotélicas. Eles dizem: “Não estamos fora do mundo, *yož*. Você sabe? Nós somos o mundo. Somos sua linguagem. Portanto, vivemos e ele vive. Você vê? Se não dissermos as palavras, o que haverá em nosso mundo?” (p. 142). A ideia de natureza não está separada da cultura e a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas é considerada uma forma de manter o mundo vivo. Se as histórias não são contadas, o mundo não existe. Esse conhecimento, então, não funciona de acordo com o método científico, mas sim de uma forma mais tradicional de acesso à realidade que pode ser encontrada em sistemas de conhecimento indígenas e africanos.

A pluralidade é uma característica vital do contar como conhecimento. Suty pondera sobre como “parecia não ter fim, mesmo agora, quando tanto havia sido destruído” (p. 110). Como não existem versões definitivas do contar, este é muito mutável. Além dos múltiplos relatos sobre uma mesma narrativa, escrita e oral, essa pluralidade também reside no fato de que cada ouvinte se torna um potencial contador. Nessa cadeia interminável



de histórias, o conhecimento está sempre em formação, nunca é fixo. Além disso, não há sentido de objetivo ou progresso, mas apenas a experiência de tudo estar sujeito ao olhar curioso da narrativa. Suttty observa:

O outro exemplo de pluralidade diz respeito à apresentação não dogmática de seu ensinamento. Não havia regras. Sempre havia uma alternativa. Os contadores de histórias, ao comentarem as lendas e histórias que contavam, podiam apontar que essa foi uma maneira boa ou certa de fazer algo, mas nunca falam de *a* maneira certa. (p. 105)

Não há ideia de alcançar a verdade ou explicar algo em termos absolutos. O contar é mutável em sua própria natureza, assim como as muitas interpretações e visões de seus ensinamentos. Ele se concentra no presente, e as pessoas de Aka reconhecem que julgar o passado ou projetar o futuro é redutor. Estreita a possibilidade de compreender o mundo com olhos diferentes dos seus.

Não obstante, a narrativa contém alguns princípios relativos à forma como é estruturada. Como Suttty aprende, um desses princípios é a noção de que um é dois, que é três que é cinco. Esta ideia é apresentada e explicada da seguinte forma:

“O tronco da *Árvore*. [...] Os galhos e a folhagem da *Árvore*, a coroa das folhas. Ele [Elyed] indicou a ‘nuvem’ de cinco lóbulos que se erguia acima do tronco. “Também este é o corpo, você vê, *yož*. O corpo é o corpo do mundo. O corpo do mundo é meu corpo. Assim, então, o um faz dois.” Seu dedo mostrou onde o tronco se dividia. “E os dois carregam cada um três ramos, que se juntam, fazendo cinco.” Seu dedo moveu-se para os cinco lóbulos da folhagem. “E as cinco carregam a miríade, as folhas e flores que morrem e voltam, voltam e morrem. Os seres, criaturas, estrelas. O ser que pode ser contado.” (p. 96)

Essa imagem representa não apenas a interconexão de todas as coisas e seres, mas também a ideia de que os olhos de alguém podem tentar diferenciar cada parte do mundo (neste caso, a *Árvore*); no entanto, essa divisão só é aparente porque tudo é um. Essa noção constitui o fundamento do contar como uma forma de conhecimento.

Outro princípio é “a montanha”, ou a ideia de que não se pode ver ou compreender todas as coisas. Na mesma conversa, Elyed explica a Suttty que na *Árvore* “não vemos as raízes. Não podemos falar delas ... A montanha é a raiz.” Ele reconhece que existem mistérios para o mundo, coisas que ainda não podem ser narradas, mas que devem ser respeitadas de qualquer maneira. Não há impulso para resolver esses mistérios como na ciência ocidental como conhecimento. Essas são consideradas apenas narrativas que aguardam ser contadas.



Mesmo que todo Akan seja um contador, os *maz* são os mais respeitados. Nas comunidades, eles são ouvidos nos conflitos, considerados nos momentos de dificuldade e apontados como cuidadores. De acordo com as observações de Sutty:

o trabalho essencial dos *maz*, o que os trazia honra entre o povo, era contar: ler em voz alta, recitar, contar histórias e falar sobre histórias. Quanto mais contavam, mais eram honrados e, quanto melhor contavam, melhor eram pagos. O que falavam dependia do que sabiam, do que possuíam da tradição, do que inventaram por conta própria e, evidentemente, do que tinham vontade de falar no momento. (p. 115)

Há relatos de *maz* abusivos, ou como Yara, a monitor, os chama, de *maz chefe*. No entanto, o retrato da figura do *maz* ao longo do romance é majoritariamente positivo. Mesmo sendo versados na narrativa, eles não são considerados superiores ao povo ou detentores de acesso a mistérios que as pessoas comuns não podem compreender. O acesso à informação é aberto a todos, não havendo censura nem hierarquização do conhecimento.

A padronização proposta pela Corporação, atual governo totalitário em Aka, tem como objetivo proibir a escrita ideográfica, algumas palavras antigas, saudações e instaurar o didatismo extremo. Este último também funciona para inibir a prática do contar, porque nega sua abertura. A ausência da divisão do conhecimento em diferentes disciplinas torna o conhecimento mais horizontal e informações sobre o mundo natural não são mais importantes do que as sobre um conto há muito perdido. O didatismo extremo atua contra o contar uma vez que estabelece verdades, hierarquização e divisão.

A visão holística do mundo não é apresentada na *Árvore* como um símbolo ou crença. É expressa politicamente. A sociedade de Aka concentra-se no bem-estar coletivo, em vez do bem-estar individual, como propõe o estado corporativo. A comunidade prospera como um todo porque não há diferença entre os indivíduos: todos fazem parte da narrativa interminável que, em última análise, é o mundo. Sutty considera:

As pessoas aqui não se referiam ao meu povo, mas a pessoas - todos, humanidade. Bárbaro não significava um estrangeiro incompreensível, mas uma pessoa sem instrução. Em Aka, toda competição era familiar. Todas as guerras foram guerras civis. (...) Mas essas guerras e disputas foram travadas por soldados profissionais, em campos de batalha. Era algo muito raro, e tratado nas histórias e anais como algo vergonhoso, passível de punição, que soldados destruíssem cidades ou fazendas ou ferissem civis. Os Akans lutaram entre si por ganância e ambição de poder, não por ódio e não em nome de uma crença. Eles lutaram seguindo as regras. Eles eram um só povo. Seu sistema de pensamento e modo de vida eram universais. Todos haviam cantado uma única melodia, embora em muitas vozes. (p. 106)

O tipo de conhecimento privilegiado por uma sociedade afeta a forma como ela é organizada. Na narrativa, o ideal universal é usado para criar espaços democráticos autênticos nos quais o bem-estar da comunidade é o objetivo. A pluralidade como princípio do contar abre-se ao respeito pelas diferentes formas de viver. Os Akan não registram discriminação em relação a gênero, sexualidade, cor da pele ou riqueza.

Sandra Harding aponta como “cada um dos vários critérios propostos para distinguir a ciência ocidental moderna de outras práticas de visão do conhecimento diminuiu lenta, mas seguramente” (2015, p. x). Ela discute como a visão exclusivista da ciência é prejudicial ao próprio projeto científico: como, ao fechar a porta para outras formas de conhecimento, o método científico permanece limitado. Uma definição de ciência proposta no século XX afirma que esta é:

um método distinto (indução, dedução), uma atitude crítica em relação à crença tradicional, uma linguagem distinta (matemática, frases de observação), uma metafísica distinta (propriedades desencantadas, seculares, materiais, primárias e secundárias) e uma epistemologia distinta (crença verdadeira justificada). (2015, p. x)

Harding considera, no entanto, a maneira como outras formas de conhecimento também se enquadram nessa definição. Como exemplos, ela cita como o conhecimento indígena costuma ser rotulado como não científico, mas observa que os micronésios desenvolveram um sistema de navegação complexo há milhares de anos. Eles seguiram princípios científicos como observação, reprodutibilidade e verificação. Sua lógica foi executada e registrada de forma diferente das visões ocidentais da ciência, sendo então considerada não científica. Mesmo os conhecimentos islâmicos e hindus, que muito contribuíram para o desenvolvimento da matemática, são frequentemente chamados de anticientíficos e meras “expressões culturais” quando se trata de outros campos de estudo, como a medicina.<sup>5</sup>

Objetividade é uma afirmação fundamental da ciência, e Harding propõe que

---

5 Em tempos em que a ciência tem sido questionada por movimentos como Terra Plana e AntiVax, pode parecer contraproducente criticar o discurso científico e valorizar outras formas de conhecimento. O movimento anti vacinas não é “outra forma de conhecimento que questiona a ciência”? A resposta é não. Esses movimentos que negam a evidência científica e criam seus próprios métodos de “encontrar a verdade” são totalmente movidos por teorias da conspiração baseadas na ideia de negação, não de proposição. O conhecimento indígena, por exemplo, não nega a ciência; propõe outras formas de acesso ao mundo. Não é uma situação de um ou de outro como acontece com o absurdo da Terra Plana. Ampliar as perspectivas ocidentais sobre o que a ciência é e pode ser possibilita soluções para os problemas do mundo contemporâneo, de acordo com Harding. Incorporar elementos de “outras ciências” não é trazer o sobrenatural de volta à cena, ou cair em teorias da conspiração, mas a inserção de diferentes lógicas que não estão enraizadas no positivismo, exclusivismo e na visão dos humanos como separados da natureza.

é possível revisar e recuperar essa noção trazendo novas perspectivas para o discurso científico. Além disso, tais perspectivas podem vir do conhecimento indígena e outras formas de conhecimento. A ciência hoje, como é feita no Ocidente, especialmente nos países desenvolvidos, está profundamente enraizada nas noções positivistas e nas suposições do Cristianismo (HARDING, 2015, p. xiv). Tirar a ciência do pedestal do “conhecimento de prestígio” pode ajudar a olhar mais criticamente e diversificar suas práticas. Como a ciência é um dos subsistemas que influenciam nossa cultura, uma mudança em sua perspectiva pode alterar fundamentalmente o *status quo* para uma sociedade mais inclusiva.

No romance de Le Guin, os princípios do contar são retratados como uma maneira pela qual os humanos podem compreender sua realidade de um ponto de vista ético e genuinamente democrático. Suttty, como protagonista e principal ponto de vista do romance, atua como mediadora no conflito entre ciência e contar. Para ela, o questionamento da ciência leva à proposição de que o conhecimento narrativo é uma forma mais positiva de observar e agir sobre o mundo. “Não se pediu para acreditar, apenas para ouvir” (LE GUIN, p. 104). Sua luta pela aceitação do contar como forma de conhecimento em Aka, mais uma vez, é também uma luta pela democracia e por um espaço no qual formas alternativas de viver possam coexistir.

### **UMA OUTRA MATRIZ DE CONHECIMENTO: *MIDNIGHT ROBBER* E *THE YEAR OF THE FLOOD***

Em *Midnight Robber*, contar histórias também é uma forma de conhecimento que desafia a visão da ciência como a única forma de acessar o mundo. Diferentemente de *The Telling*, em que uma forasteira compara e contrasta a nova cultura retratada com a da leitora, o romance de Nalo Hopkinson cria uma imersão total em um mundo com uma lógica, linguagem e organização diferentes. Usando uma matriz caribenha para criar outras formas de conhecimento, *Midnight Robber* também aponta para a ideia de que o conhecimento narrativo pode criar um espaço democrático.

A protagonista, Tan-Tan, vive a primeira parte de sua infância em Toussaint<sup>6</sup>, um planeta que segue um paradigma baseado na cultura caribenha. A transmissão do conhecimento se dá através da música e a tecnologia desenvolvida de inteligência artificial, chamada *eshu*, acompanha cada ser humano ao longo de toda a vida oferecendo guiança e companheirismo. A organização do conhecimento dessa sociedade mostra que

---

6 O nome é referência a François-Dominique Toussaint L'Ouverture (1743-1803), líder da Revolução Haitiana (1791-1804)

é possível vislumbrar uma organização diferente do conhecimento fora do paradigma da ciência ocidentalizada a serviço do capitalismo em uma sociedade altamente tecnológica. Os nomes escolhidos para o planeta, aparatos tecnológicos e procedimentos derivam da resistência afro-caribenha contra colonização europeia, reforçando uma posição de contraponto à lógica iluminista restritiva de humanidade.

Harding discute como a abordagem da ciência praticada hoje não é a única opção e sim um produto do Iluminismo e do Positivismo que persiste. No romance de Hopkinson, Toussaint é um mundo altamente tecnológico que tem muito pouco em comum com as referências culturais ocidentais que temos em relação à inteligência artificial ou ao desenvolvimento tecnológico. No início da trama, Antonio, o pai de Tan-Tan, está usando tecnologia avançada para voltar para casa. Ao acionar um comando, o mesmo “bipou uma confirmação para ele em *nannysong*, e seu *eshu* apareceu em sua mente” (HOPKINSON, 2001). O uso do vernáculo caribenho e da sintaxe misturada com o inglês por personagens e narradores quebra a associação feita entre culturas caribenhas e analfabetismo, subdesenvolvimento e pobreza. No romance, essa é a língua falada por uma sociedade tecnológica e organizada.

Essa ruptura inicial com as expectativas de como seria a ciência não é a única ruptura em relação ao conhecimento proposto em *Midnight Robber*.

Você nunca se pergunta para onde vão todos eles, os errantes, os maltrapilhos, aqueles que pensam que o mundo deve ter algo melhor pra eles, se eles ao menos pudessem achar que parte é? Você nunca se pergunta onde enviamos os ladrões e os assassinos? Então, mestre, os Mundos das Nações enviam todos para New Half-Way Tree, o planeta-espelho de Toussaint.

Essa outra dimensão que se parece exatamente com Toussaint em termos geográficos é uma colônia penal, abandonada aos seus próprios recursos. O exílio que Tan-Tan e seu pai suportam mostra como até o conhecimento científico sob um paradigma diferente ainda pode ser exclusivista. Sem outras formas de conhecimento, pode se tornar totalitário.

É por meio do conhecimento narrativo que se retrata uma alternativa à sociedade. Tan-Tan, encarnando a figura do folclore caribenho Robber Queen, busca desfazer os erros cometidos contra pessoas como ela – vítimas da pobreza e do abuso. New Half-Way Tree é um mundo violento no qual espécies diferentes coexistem, mas muitas vezes sem ter muito contato umas com as outras. Tan-Tan rompe com essa lógica quando vai morar em Douen por um tempo e não faz diferença entre humanos e não humanos em

seus atos de malandragem. O nascimento de Tubman<sup>7</sup>, filho de Tan-Tan, é a realização da mudança. Ele nasceu com um *eshu*, uma entidade que acompanha a vida que só existe em Toussaint. Ele se torna uma ponte entre os dois mundos e a possibilidade de cura da comunidade. Tubman também é o destinatário do narrador, que instrui Tubman a cumprir sua missão de unir Toussaint e New Half-Way Tree usando a narrativa como conhecimento. A única maneira de o filho de Tan-Tan entender sua realidade e poder agir sobre ela é ouvindo suas histórias.

O romance, por meio da voz do narrador, o *eshu* de Tubman, aponta para a ideia de que o conhecimento narrativo pode ser a base de uma sociedade mais justa e democrática. Como a comunidade é formada por meio do compartilhamento de histórias, humanos e não humanos passam a viver juntos. Além disso, Tubman é educado em uma nova forma de acessar o mundo, que considera muitas vozes e pluralidade de ideias.

Aílton Krenak, em *Ideias para adiar o fim do mundo*, discute como a visão estreita de humanidade, propagada pelo pensamento filosófico ocidental, exclui pessoas, criando desigualdades profundas. De acordo com o autor:

Talvez estejamos muito condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo. Quem disse que a gente não pode cair? Quem disse que a gente já não caiu? (2019)

No romance de Hopkinson essa ruptura é criada por Tan-tan e continuada por Tubman, que questionam a divisão de humanos dignos de viver em Toussaint e aqueles não dignos. Krenak também aponta para o conhecimento narrativo como forma de criar essa ponte entre humanos e rever os paradigmas das desigualdades em nosso próprio mundo. Ao contar mais uma história, ao compartilhar uma experiência (evocando aqui o pensamento benjaminiano), cria-se resistência.

*O ano do dilúvio*, de Margaret Atwood, também pode ser lido como um exemplo do uso do conhecimento narrativo para defender um modo de vida mais democrático. Adam One, o líder dos Jardineiros de Deus, usa a narrativa para transmitir suas ideias e estabelecer sua comunidade. Seus sermões misturam a linguagem religiosa e a linguagem científica<sup>8</sup>:

---

7 O nome é também mais uma referência à resistência: Harriet Tubman (1822-1913) foi uma mulher negra abolicionista que atuou durante toda a vida para resgatar pessoas escravizadas. É possível entender o nome também como um foreshadowing do papel de Tubman em New Half-Way Tree.

8 A natureza paródica dos discursos de Adam One é discutida extensamente em SÁ, Melissa. Revista X, v. 17, n. 04, p. 1144-1160, 2022.

“Nós agradecemos a Ti, oh Deus, por nos ter feito de tal modo que nos lembre, não só do nosso ser menos Angélico, mas também dos nós de DNA e RNA que nos unem às nossas Criaturas irmãs.” (2009, p. 53). Adam One remete à ideia de que todas as criaturas estão interconectadas e ao reconhecimento de que as estruturas de vida são as mesmas utilizando referências que sua comunidade (membros convertidos) consegue compreender. Mais tarde, em outro sermão, ele diz: “O quanto nós perdemos, queridos Irmãos Mamíferos e Irmãos Mortais! O quanto nós temos voluntariamente destruído! O quanto nós temos que restaurar dentro de nós!” (2009, p. 13) Seus comentários sobre o modo de vida que levou à sociedade distópica representada no romance trazem o apelo cristão da culpa e redenção, mas com o reconhecimento de que existem ainda “os irmãos mamíferos” e que com eles deve-se construir essa restauração que, ao longo do romance, não se mostra apenas interior, mas exterior, pois envolve os membros ativamente aprendendo habilidades de sobrevivência que os permitirá sobreviver a um evento catastrófico.

*O ano do dilúvio* critica a ciência como conhecimento sob a premissa de que todos os usos da ciência se tornarão antiéticos se estão a serviço das corporações. Adam One defende que não é lógico que as pessoas se convençam de cuidar do meio ambiente ou de se tratar melhor; isso deve ser feito através da crença. Para isso, ele cria toda uma teologia baseada na ecologia. Os santos são ambientalistas relevantes, como Dian Fossey<sup>9</sup> e Chico Mendes<sup>10</sup>, e os mandamentos são reciclagem, vegetarianismo e vida comunitária. O mundo fora do Jardim, conforme retratado nas narrativas dos protagonistas Toby e Ren, é excepcionalmente violento e desigual. O financiamento corporativo da ciência que seguiu a lógica do progresso em prol do progresso tornou a mobilidade social, a segurança pública e a distribuição de riqueza uma memória distante.

No *corpus* selecionado, este é o único romance em que a narrativa ou o saber tradicional se autodenomina religião. No entanto, seus valores mais importantes podem ser lidos como materialistas. A crença em Deus é secundária às ações ambientais. O Jardim funciona como uma forma alternativa de viver, o que Ildney Cavalcanti (1999) chama de espaço utópico dentro da distopia. A vida comunitária é organizada em torno da contação de histórias, e o conhecimento é ensinado e transmitido por meio da narrativa. As vidas de santos, práticas e valores são a forma como os Jardineiros acessam o mundo. Como a maioria

---

C. S. “O duplo como paródia em *O Ano do Dilúvio*”. *Em Tese*, v.23 n.1, 2017, p. 275-285.

9 Dian Fossey (1932-1985) foi uma zoóloga ambientalista conhecida por seu trabalho de conservação com gorilas no Congo e Ruanda.

10 Francisco Alves Mendes Filho (1944-1988), conhecido como Chico Mendes, foi ativista ambientalista da Amazônia e sindicalista brasileiro.

dos participantes está lá por causa das consequências sociais, econômicas e políticas do uso antiético da ciência, eles estão abertos a abandonar seu paradigma e mergulhar fundo em uma nova forma de conhecimento. No entanto, o Jardim não é anticientífico. Como é comum nos romances de Atwood, dualidades violentas – como Linda Hutcheon se refere a elas – se chocam ao longo da narrativa. Pois embora o conhecimento narrativo seja adotado como alternativa para uma sociedade mais democrática, os resultados da pesquisa científica permeiam essas histórias. Adam One justifica o vegetarianismo com base em dados científicos anteriores, e o mesmo se aplica às suas escolhas ambientais.

A maneira dos Jardineiros de ver o mundo por meio de suas narrativas duais – religiosas e materialistas, espirituais e científicas – torna-se a base para o novo mundo. No livro seguinte da trilogia de Atwood, *MaddAddam*, Toby passa o conhecimento que adquiriu dos Jardineiros para os Crakers, os humanos geneticamente modificados que sobreviveram à praga que matou a maior parte da humanidade. A narrativa é a única forma de conhecimento que resiste ao pós-apocalipse e permite não só a Toby, mas, também aos demais humanos, sobreviverem à catástrofe. Por meio de histórias sobre santos, reciclagem e vida animal, eles reuniram o que precisavam para sobreviver em ambientes hostis. Quando todas as instituições desmoronam no apocalipse, tudo o que resta é a narrativa.

*O ano do dilúvio* propõe que o conhecimento narrativo trabalhe para criar um mundo mais igualitário. As histórias contadas tornam-se valores. Esses valores são reconhecidos como práticas válidas e, posteriormente, transformados em crença. A crença garante que as práticas sejam seguidas, criando uma comunidade pacífica e democrática, com distribuição de riqueza mais justa e uma atitude positiva em relação ao meio ambiente. Existe no romance de Atwood, assim como no de Hopkinson, uma tensão entre os discursos narrativos e científicos e é possível questionar se os métodos utilizados por Adam One seriam justificáveis ou apenas mais uma forma de manipulação, dessa vez em nome de ideias democráticos. *O ano do dilúvio* não foge a essas questões, no entanto é inegável que a um nível diegético e extradiegético a balança pende para o lado da pluralidade e da formação de uma nova sociedade que se mostra como alternativa. Baseada no conhecimento narrativo, essa nova comunidade não é perfeita ou estática, e sim uma construção que inclui diferentes noções do que é ser humano.

Os romances escolhidos neste artigo discutem novos arranjos sociais feitos a partir de sociedades em que o conhecimento narrativo oferece uma alternativa mais plural a visões totalizadoras do discurso científico. Em *The Telling*, o contar é visto como uma forma superior de conhecimento, mais apta a lidar com a diversidade humana e com os



conflitos advindos da mesma. Já *Midnight Robber* aponta que não basta um paradigma científico que não seja eurocêntrico: é necessário que haja real reconhecimento das pluralidades e é através de histórias que esse movimento pode ser feito. Finalmente, em *The Year of the Flood*, uma religião incorpora elementos do discurso científico para criar um sistema de conhecimento que permitirá a sobrevivência da humanidade e a criação de uma sociedade mais democrática. As três obras oferecem *insight* a uma das possibilidades do uso da narrativa na tendência de distopias escritas por mulheres no século XXI.

**REFERÊNCIAS**

ATWOOD, Margaret. **The Year of the Flood**. Doubleday, 2009.

CAVALCANTI, Ildney. **Articulating the Elsewhere: Utopia in Contemporary Feminist Dystopias**. Tese – Universidade de Strathclyde. 1999.

HARDING, Sandra. **Objectivity and Diversity: Another Logic of Scientific Research**. University of Chicago Press, 2015.

HOPKINSON, Nalo. **Midnight Robber**. Aspect, 2001. E-book Kindle.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019. E-book Kindle

LE GUIN, Ursula K. **The Telling**. Harcourt, 2000.

LYOTARD, Jean-François. **The Postmodern Condition: A Report on Knowledge**. Tradução de Geoff Bennington and Brian Massumi. Manchester University Press, 1984.

**Recebido em:** 01 ago. 2022

**Aceito em:** 11 out. 2022